UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE- CCBS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM- UAENF
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

KAMYLLA SOARES NUNES

E QUANDO A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NÃO ACONTECE? OS (DES)CAMINHOS DO FAZER E EXISTIR NA UNIVERSIDADE

Campina Grande - PB
2021

KAMYLLA SOARES NUNES

E QUANDO A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NÃO ACONTECE? OS (DES)CAMINHOS DO FAZER E EXISTIR NA UNIVERSIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Componente Curricular TCC II como pré-requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande/UFCG/ Campina Grande.

Área de concentração: Saúde Mental

Orientadora: Drª. Priscilla Maria de Castro Silva

Campina Grande-PB
2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza Brasileiro Silva", CCBS - UFCG

N972q

Nunes, Kamylla Soares.

E quando a afiliação estudantil não acontece? os (des)caminhos do fazer e existir na universidade/ Kamylla Soares Nunes. – Campina Grande, PB: O autor, 2021.

30 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Priscilla Maria de Castro Silva, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Afiliação Institucional. 2.Angústia Psicológica. 3.Universidades. 4.Esgotamento Psicológico. I. Silva, Priscilla Maria de Castro. (Orientador). II. Título.

Responsabilidade técnica de catalogação:
Jônatas Souza de Abreu, Bibliotecário documentalista, CRB 15-879

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM - UAENF

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC DE ENFERMAGEM, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – CAMPUS DE CAMPINA GRANDE – PB

Aos ..20.. do mês de outubro do ano de 2021, às 09 horas, na sala virtual Google Meet 1 https://meet.google.com/rnu-pmoi-vja com a presença dos professores participantes da banca examinadora abaixo discriminada, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulada **E QUANDO A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NÃO ACONTECE? OS (DES)CAMINHOS DO FAZER E EXISTIR NA UNIVERSIDADE,** desenvolvida pela aluna **KAMYLLA SOARES NUNES,** regularmente matriculada no componente curricular TCC II, no semestre 2020.2e, orientada pela professora **PRISCILLA MARIA DE CASTRO SILVA**. O período da defesa transcorreu em conformidade com as normas estabelecidas pelo regimento do TCC. A aluna utilizou 25min para a apresentação do seu TCC. Ao término da defesa, os professores da banca avaliadora se retiraram da primeira sala virtual, e foram direcionados a sala Google Meet 2 https://meet.google.com/ymz-yvyi-udz, assim, as avaliadoras reunidas em três, emitiram parecer atribuindo a nota a aluna. Em seguida, a banca acessou novamente a Google Meet 1 https://meet.google.com/rnu-pmoi-vja, onde se encontravam os demais participantes da defesa e o resultado da avaliação foi divulgado pela orientadora. A aluna obteve **nota 10,0 (DEZ)** dos examinadores. A orientadora agradeceu a presença de todos. Assim, dou fé.

Campina Grande, 20/10/2021

Orientador (A): . **Titulação**: Doutora

BANCA EXAMINADORA

1º Membro: Titulação: Mestre

Maria Luíza de Almeida Nunes

2º Membro: Titulação: Doutora



Curso de Bacharelado em Enfermagem

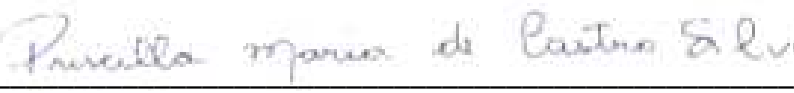
Coordenação do TCC II

KAMYLLA SOARES NUNES

E QUANDO A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NÃO ACONTECE? OS (DES)CAMINHOS DO FAZER E EXISTIR NA UNIVERSIDADE

Data da defesa: 20/10/2021

BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Priscilla Maria de Castro Silva (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande



Profª Drª Gisetti Corina Gomes Brandão
Universidade Federal de Campina Grande – 1º Membro avaliador



Profª Ma. Maria Luísa de Almeida Nunes
Universidade Federal de Campina Grande – 2º Membro avaliador

Campina Grande-PB
2021

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que estiveram ao meu lado ao longo dessa jornada. Em especial aos meus pais, irmãos, sobrinhos e amigos, que sempre me apoiaram e deram conforto nas horas mais difíceis. Aos meus mestres, obrigada por toda a paciência e confiança no meu potencial; aos demais trabalhadores que perpassaram a minha formação: gratidão por exercerem suas funções com dedicação. Vocês são partes essenciais do meu crescimento pessoal e profissional.

Agradecimentos

*Agradeço primeiramente a **Deus**, por me permitir vivenciar experiências nunca cogitadas pelo meu eu e por me inspirar a sabedoria de seguir na retidão.*

*A minha **família** que é a minha base e impulso em meio aos momentos difíceis eu deixo a minha eterna gratidão por todo alento e suporte em todos os tempos que precisei. À minha amada **mãe**, em especial, pelo exemplo de força, determinação e coragem. Obrigada por todos os carinhos e por todas as lições ensinadas durante minha vida. Espero um dia ser uma mulher como você!*

*Ao meu **pai** agradeço pelo carinho, proteção e esforço ao me proporcionar tudo que estava ao seu alcance. Aos meus irmãos **Karllito e Carlinda** eu agradeço por sempre acreditarem no meu potencial e me trazerem leveza e companheirismo nas ocasiões em que precisei. Vocês são responsáveis por trazer ao mundo dois dos meus presentes mais valiosos: **meus sobrinhos**. Eu nunca conseguirei ser grata o suficiente por um amor tão puro. À minha **avó Marcionila**, que mesmo não estando mais presente de forma física sempre foi o meu porto de segurança e paz, eu nunca esquecerei dos conselhos dados no escuro do nosso quarto.*

*À **Maria Eduarda** eu deixo minha gratidão por me entender, me acolher e me amar de forma tão pura e intensa, até mesmo em meio aos meus momentos tempestivos, você é uma mulher admirável e inspiradora.*

*Às minhas amigas do **CDR**, que firmaram nossa amizade em Cristo e sempre foram boas companhias em momentos de desesperança, obrigada por me proporcionarem uma amizade tão verdadeira e sólida, pois meus sorrisos sempre serão melhores com vocês ao meu lado.*

*Ao **CIA da Saúde**, agradeço por dividirem todos os momentos na universidade, sempre os levarei comigo. Obrigada por todas as boas risadas, pelos resumos, desesperos e brincadeiras. Sou especialmente grata por **Kaio**, meu amigo "do terceirão para a vida" que deu certo e por **Diana**, devido nosso belo reencontro e reconexão de uma amizade de infância. Vocês são os maiores presentes que levarei dessa instituição.*

*À minha orientadora **Profª Priscilla**, eu agradeço por toda a paciência, escuta e solidariedade, que a sua humanidade perpasse pelas inúmeras vidas que seu caminho traçar, espero continuar a ouvir sua voz mansa que alinha os chakras do CCBS.*

*À minha "mainha" universitária, minha galega ou **Profª Gisetti** na formalidade, eu agradeço por todas as oportunidades dadas, pelos conselhos, puxões de orelha e boas risadas*

no NUPESC e no carro, você foi um dos motivos que me fizeram seguir em frente e eu nunca terei palavras para agradecer tanto amor. Obrigada por me fazer sonhar seu sonho com você, sempre estarei ao seu lado, assim como você sempre esteve ao meu.

À ***Profª Sheila****, que tive o prazer de conhecer no final da jornada, meus sinceros agradecimentos por toda a amizade, conselhos e madrugadas reflexivas. Você sem sombra de dúvidas foi um encontro de almas, espero que você seja a amiga que nunca vai me abandonar.*

À ***minha amada turma****, espero que nossa amizade permaneça e que continuemos a promover a enfermagem. Todos vocês me proporcionaram crescimento pessoal e profissional com suas especificidades e colocações, espero encontrar profissionais tão competentes quanto cada um de vocês durante a minha vida.*

Aos ***demais professores, profissionais de saúde, servidores e terceirizados*** *que me atravessaram nesse processo, meus mais sinceros agradecimentos pela colaboração de vocês na minha construção profissional, com vocês eu aprendi que de nada serve um diploma sem humanização das relações e respeito às diferenças, os estimo.*

Por fim, agradeço por nunca ter permanecido um dia sequer sozinha nessa jornada e por ter saído dessa instituição uma pessoa melhor que entrei.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- **REUNI** - Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
- **ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio
- **SISU** - Sistema de Seleção Unificada
- **UFCG** - Universidade Federal de Campina Grande
- **UNESCO -** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- **ANDIFES -** Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
- **PRAC -** Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários
- **TMC -** Transtorno Mental Comum
- **CCBS -** Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
- **DCE -** Diretório Central dos Estudantes
- **UNE -** União Nacional dos Estudantes
- **MST -** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

SUMÁRIO

RESUMO 10
ABSTRACT 11
INTRODUÇÃO 12
OBJETIVO 14
MÉTODO 14
Categoria I: O (des)conhecimento da dinâmica institucional e o processo de (des)afiliação estudantil 16
Categoria II: As repercussões na saúde mental dos estudantes 20
Categoria III: Possíveis caminhos para permanência do estudante na universidade 24
CONCLUSÃO 28
REFERÊNCIAS 30

RESUMO

Objetivo: Analisar o processo de afiliação estudantil e repercussões na saúde mental de discentes do ensino público superior.**Método:** trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, com amostragem de representantes dos 48 cursos de graduação de uma universidade pública federal. Para coleta de dados realizou-se uma entrevista semiestruturada, enquanto análise foi à luz categorial temática proposta por Bardin. **Resultados:** emergiram três categorias temáticas com discussões enfocadas no processo de afiliação de Coulon e suas repercussões para a saúde mental: a primeira com ênfase no tempo de estranhamento e os descaminhos para a afiliação; a segunda retratando as repercussões desse processo na saúde mental estudantil e, a terceira traçando os possíveis trajetos para o permanecer elencados pelos representantes entrevistados. Através dos achados desse estudo, **conclui-se** que afiliação estudantil é um processo essencial na adaptação universitária e diminuição de sofrimento psíquico, devendo a instituição minimizar suas falhas através de políticas de assistência estudantil e de combate ao assédio, geradas pela escuta qualificada de órgãos de representação e deliberação estudantil e a promoção de espaços humanizados dentro da instituição.

Descritores: Afiliação Institucional, Angústia Psicológica, Universidades, Esgotamento psicológico

ABSTRACT

Objective: To analyze the student affiliation process and repercussions on the mental health of public higher education students. **Method:** this is a qualitative, descriptive, and exploratory study, with a sample of 48 undergraduate courses representatives at a federal public university. For data collection, a semi-structured interview was conducted, which the analysis occurred in light of the thematic category proposed by Bardin. **Results:** three thematic categories emerged with discussions focused on Coulon's affiliation process and its repercussions for mental health; the first with an emphasis on the time of estrangement and deviations for affiliation, the second portraying the repercussions of this process on student mental health, and the third tracing the possible permanence paths suggested by the interviewed representatives. Through the findings of this study, it is possible **to conclude** that student affiliation is an essential process in university adaptation and reduction of psychological distress. Furthermore, the institution should minimize its failures through student assistance and anti-harassment policies, generated by qualified listening from representation and deliberation student bodies, and the humanized spaces fostering within the institution.

Descriptors: Organizational Affiliation, Psychological Distress, Universities, Burnout

INTRODUÇÃO

O Ensino Público Brasileiro, há anos, vem sofrendo transformações importantes, pois passou a democratizar o acesso e possibilitou que o estudante de baixa renda sentasse nos bancos da universidade. A universidade, antes de elite, passou a ser de massa, o que permitiu a ascensão gradativa das classes sociais que, outrora, pouco se beneficiavam deste capital intelectual. É de senso comum que o sistema de ensino atual está posto como um corretor de injustiças sociais. Contudo, a meritocracia[1] corrobora com uma igualdade de oportunidades inexistentes, que naturaliza os processos de exclusão e desigualdade da nossa sociedade. Em suas pesquisas, Bourdieu aponta para a conjuntura familiar adequada para um ambiente favorável aos estudos, onde os estudantes com acesso a capital cultural teriam maior probabilidade de obtenção de sucesso.

O Brasil, visando uma democratização no acesso ao ensino superior, adotou diversas políticas de ações afirmativas, como o estabelecimento do Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), em 2007; a adoção de cotas raciais, étnicas e para jovens oriundos do ensino médio público, com a Lei de Cotas; a implantação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a expansão do Sistema de Seleção Unificada (SISU), fazendo com que o perfil dos estudantes das Instituições de Ensino Superior Públicas mudasse de forma gradativa.[1]

Entretanto a "popularização" do ingresso não é sinônimo de acessibilidade à Universidade, visto que a permanência no ambiente universitário está intimamente ligada a afiliação estudantil e consequentemente, a uma adaptação à mudança que é gerada na vida do estudante, a partir do fenômeno de entrada na instituição de ensino superior.

[1] Conceitualmente a meritocracia é um sistema hierarquizado baseado em conquistas por méritos pessoais, que parte do pressuposto de igualdade de oportunidades e, portanto, potencializa desigualdades sociais.

O processo de afiliação visa compreender esse evento no âmbito intelectual e institucional e ocorre em três tempos: o de estranhamento, o de aprendizagem e o de afiliação, que são cruciais para a manutenção do estudante na instituição de ensino.

No tempo de estranhamento, o estudante sente o processo de ruptura que enfrenta diante da entrada no ensino superior. O afastamento do núcleo familiar, a cobrança e o ritmo de estudos fazem com que o mesmo se sinta perdido e se pergunte o que deve fazer.

Já o tempo de aprendizagem é considerado o mais doloroso no processo, pois é nele que o estudante enfrenta as ansiedades e incertezas que assemelha-se a estar no limbo. O mesmo passa a não reconhecer a estrutura educacional ora vivenciada, e ainda não é capaz de encaixar-se em seu futuro profissional. Por causar sofrimento deve ser um processo vivido rapidamente, pois é um condicionante da continuidade na instituição.

Por último, a afiliação, onde os estudantes conseguem compreender a dinâmica institucional e têm aporte intelectual o suficiente para exercer a função de estudante. O discente afiliado consegue executar suas ações sem o sofrimento do tempo de aprendizagem e já se sente pertencente ao ambiente universitário, diferentemente do tempo de estranhamento.

Essa competência, em constante transformação e estruturação, se expressa através de seriedade, ortografia, utilização de referências bibliográficas, naturalização do anteriormente estranho, dentre outros. O mesmo passa a categorizar o mundo da mesma maneira que os que o cercam, como é esperado por seus docentes.[2]

Portanto, os afazeres tornam-se automáticos, sendo as competências do ofício estudantil desenvolvidas naturalmente e com maior qualidade. O *status* social muda e o fracasso nesse processo torna o ingresso na universidade insubsistente.

Diante do supracitado, surgiram as seguintes indagações: Quais os fatores que podem levar a uma falha no processo de afiliação? A instituição tem responsabilidade na ineficácia do processo ou ele é de incumbência exclusiva do aluno? A saúde mental dos alunos é

afetada pela falta da afiliação estudantil? Pressupõe-se com esse estudo, que o insucesso do processo de afiliação estudantil está intimamente ligado às questões sociais, ao desconhecimento atrelado ao fazer e existir na universidade e aos atravessamentos psicológicos dos estudantes no contexto universitário. Dito isto, ao nosso ver, presumimos que estes são fatores contribuintes para o sofrimento psíquico e a evasão do estudante na universidade.

OBJETIVO

Analisar o processo de afiliação estudantil e repercussões na saúde mental de discentes do ensino público superior.

MÉTODO

A presente pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no campus sede, localizado na cidade de Campina Grande, Paraíba. A população é composta por discentes regularmente matriculados nos cursos de graduação da instituição de ensino e a sua população amostral, selecionada a partir do critério de representatividade, foi composta por um representante de cada um dos 48 cursos do campus de Campina Grande.

Os critérios de inclusão dessa pesquisa foram: ser um aluno devidamente matriculado em um curso de graduação (licenciatura ou bacharelado) na Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* Campina Grande; ter acima de 18 anos; disponibilidade para participar da pesquisa; ter concluído mais de 50% das disciplinas do curso; e desejo de ser voz e representação, dando-se preferência aos alunos pertencentes ao movimento estudantil de seu respectivo curso. Estariam excluídos do estudo os alunos que não se encaixassem no perfil supramencionado e fossem pertencentes a um curso anteriormente coletado, devido à disponibilidade do mesmo em dois turnos.

É um estudo de caráter descritivo-exploratório, onde uma variável ou conceito é explorado, mas há um conhecimento limitado ou inexistente. Esse método permite uma melhor avaliação das informações obtidas durante a coleta dos dados, sendo de maior viabilidade para uma pesquisa de abordagem qualitativa.[3,4]

A abordagem do estudo, como supracitado, é qualitativa, sistemática e subjetiva, usada para a descrição e significação de experiências, permitindo a ênfase no objetivo do estudo que consiste na análise dos fatores que dificultaram a afiliação estudantil na instituição de ensino ora mencionada.

Para a coleta de dados utilizou-se do método de entrevista semiestruturada, o qual permite discorrer a respeito de um foco pré-estabelecido pelo pesquisador. A coleta foi realizada com a gravação de voz para futura transcrição do dito pelos participantes, compondo assim, o *corpus* documental da pesquisa. Com a pandemia da COVID-19, algumas entrevistas foram realizadas de forma remota, com agendamento prévio, através da plataforma Google Meet.

O tratamento dos dados ocorreu a partir da análise categorial temática de Bardin. Os critérios para análise categorial seguiram a ordem da pré-análise, exploração do *corpus* e tratamento dos resultados. Na pré-análise todo o material foi organizado, que posteriormente foi explorado e codificado, resultando em categorias temáticas, que são um registro codificado.[5] Na presente pesquisa, as categorias temáticas foram temas relacionados à afiliação e às respostas obtidas.

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética sob CAAE: 00610918.0.0000.5182, respeitando a Resolução do Conselho Nacional de Saúde n° 466/2012. Para preservação da identidade dos participantes, utilizou-se da letra "E", alusiva à estudante, acrescida de um número cardinal, que representou a ordem de cada curso analisado após a listagem dos mesmos em ordem alfabética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Categoria I: O (des)conhecimento da dinâmica institucional e o processo de (des)afiliação estudantil

De acordo com o Relatório da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI "À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele." [6] Sendo assim, cabe a reflexão sobre o papel da instituição no complexo epílogo da educação superior no Brasil.

Observa-se, através das falas dos estudantes, que apesar da universidade proporcionar meios para compreender-se a educação da forma mais inteligível possível, os alunos referem desconhecer algumas esferas da dinâmica universitária, pois não houve acesso às informações institucionais de forma facilitada e clara.

Pode-se observar na fala de (E8), pertencente à turma concluinte de seu curso, o não compreender do exercício institucional: *"quanto a órgãos (de apoio institucional) eu não tenho a mínima ideia, sei que a prefeitura universitária oferece alguns programas, mas não tenho a mínima ideia do que seja."*

Sabe-se que o desconhecimento do funcionamento da instituição é uma característica do tempo de estranhamento, primeira etapa do processo de afiliação estudantil. Entretanto, esse tipo de fala observada em um aluno concluinte, nos mostra uma falha no processo de afiliação que não foi corrigida nos cinco anos de seu existir no contexto universitário, e leva-se a questionar como esse discente lidou com o ofício de ser estudante, já que o mesmo sequer entendeu a dinâmica dos órgãos de apoio institucional. Cumpre salientar , que o estudante, dentro de um emaranhado de situações sociais, econômicas e psicológicas que coexistem no âmbito pessoal, por vezes, tem possibilidades de acolhimento e

acompanhamento desses contextos na dinâmica da instituição, contudo, o aluno simplesmente desconhece.

Ademais, dominar tecnicamente e cientificamente as demandas referentes ao curso é extremamente importante para a formação profissional. Porém, o não domínio da estrutura social universitária reflete a não implicação do aluno nos processos ao seu redor e, consequentemente, demonstra a fragilidade que ele terá em intervir em problemas do seu meio social. Dito isto, considera-se que um profissional que pouco se implica socialmente para a resolutividade de problemas coletivos, concretiza uma formação tecnicista e pouco voltada para o benefício comunitário e suas devolutivas serão irrisórias perante o investimento coletivo em sua formação.

As novas experiências, proporcionadas com o acesso às universidades são fundamentais para a formação e construção do estudante, e quanto maior a sua resolutividade de problemas e resposta positiva às mudanças, melhor o aproveitamento do seu tempo de graduação. Neste cenário, profissionais que facilitem a afiliação são um grande diferencial.[1]

Entretanto, é possível observar que os vestígios dos tempos iniciais do processo de afiliação são comuns em estudantes que já concluíram mais da metade dos seus respectivos cursos e que a frustração oriunda desse '*timing'* continua a gerar respostas negativas às mudanças e consequentemente um afastamento do discente do seu ofício, como observa-se na fala a seguir: *"na atual graduação, a partir do quarto período foi só decepção, em termos de tudo: organização, estímulo... Eu estranhei demais, é como se nunca tivesse tempo suficiente para realizar as coisas que a gente quer realizar no curso".* (E3)

A fala evidencia que, o não sair das etapas iniciais do processo de afiliação, além de gerar sofrimento psíquico, faz com que o estudante se sinta perdido em sua vida pessoal e intelectual. Haja visto que para suprir as demandas do curso e superar as expectativas

depositadas nele mesmo, o discente passa a dedicar-se em caráter integral para a instituição, pois não consegue se organizar de forma prática.

No que concerne à assistência estudantil, o relatório da ANDIFES traz que 32,8% dos alunos que desejam abandonar o curso são motivados por situações financeiras e 23,6% apontam dificuldade em conciliar estudos e trabalho.[7] É possível observar traços dessa realidade na fala de (E2) *"Por exemplo, a gente entra na universidade, a gente não sabe se vai permanecer, porque não vai ter a assistência estudantil"*.

Quando encontra informações sobre assistência estudantil financeira, o aluno esbarra em uma trama burocrática que o desestimula a tentar o auxílio. Pensando no processo de afiliação, os períodos iniciais do curso são primordiais para a permanência; entretanto, o aluno ainda não detém conhecimento suficiente sobre a instituição e não realiza as suas tarefas sem estranhamento, fazendo com que a busca por ajuda torne-se difícil e sofrível perante a burocratização imposta.

O (E6) traz que:

> *Para você conseguir uma bolsa por exemplo ou um auxílio, tem que levar 'n' documentos, se dispor a estar lá em tal horário, fazer tal coisa, praticamente implorar e dizer: 'pelo amor de Deus, eu preciso disso, senão vou passar fome, senão eu vou morrer'.*

Sendo assim, a mudança do perfil dos ingressantes gerada por políticas de ações afirmativas não é o suficiente para "popularização" do ensino superior. O permanecer na universidade também está intimamente ligado a condições socioeconômicas favoráveis, uma vez que muitos desses alunos necessitam de auxílio da instituição para continuarem a frequentá-la.

Além disso, a assistência sofre um processo de mercantilização, como uma moeda de troca, onde o estudante que consegue o auxílio tem que dar contrapartidas acadêmicas,

através do controle acadêmico e por vezes relacionada à prestação de serviços dentro da instituição, configurando o aluno a uma mão de obra barata que supre os déficits de recursos humanos institucionais.[8]

Nesta fala o discente (E15) evidencia que o desvínculo de um colega de curso foi por falta de assistência estudantil, onde o aluno não apresentou condições de dar a contrapartida acadêmica exigida pela instituição para a manutenção do auxílio: *"Ele desistiu por conta da assistência estudantil no fim das contas, que você tem aquela cota de disciplinas para continuar recebendo o auxílio e ele perdeu e não tinha como se manter".*

Monitorias, programas de iniciação científica, programas de extensão, dentre outros, passam de projetos que viabilizam vivências e crescimento profissional à barganhas por condições de subsistência para os alunos. E os discentes são submetidos a circunstâncias depreciativas para conseguirem permanecer na instituição.

A fala de (E12) traz a ciência dos responsáveis pela liberação de recursos, da necessidade da bolsa para os alunos e utilização da retenção de um recurso financeiro para obtenção de vantagem.

> *Ele ficava dizendo: 'Vai ter que trabalhar nas férias, fazer não sei o que, porque se você não trabalhar nas férias não vai ganhar bolsa. Eu vou prender a bolsa, vou fazer esse tipo de coisa'. Chegou um certo momento que a gente estava há uns três meses sem receber bolsa.*

Ademais, cabe à instituição pensar na assistência estudantil e afiliação por outras perspectivas, planejando-as de forma integral. Com a adoção de estruturas permanentes que facilitem a continuidade e o pertencer do aluno à universidade, como a construção de creches, espaços de vivência, bibliotecas e residências universitárias de qualidade, além de proporcionar meios de combate efetivo ao assédio, através de políticas institucionais e fluxograma da rede de apoio para minimizar os sofrimentos oriundos dessa violência.

Categoria II: As repercussões na saúde mental dos estudantes

Quando frágil, o processo de afiliação estudantil reverbera negativamente na sociedade. O sofrimento psicológico devido ao fracasso, em estudantes e familiares, o desperdício econômico por algo que não será concluído e revertido positivamente e uma menor qualificação na população geral constituem uma perda significativa.[2]

Além da perda societal, pode-se observar uma fragilização na saúde mental dos estudantes que fracassam no processo, a quebra de expectativas do imaginário universitário e a sensação de não realização de seu ofício da forma esperada, faz com que o discente se coloque em uma posição de inferioridade, fazendo do adoecimento algo cíclico.

(E1) relata que:

> *Dois alunos do 7º e 8º períodos chegaram a trancar o curso por causa de alguns professores, relatando situações bem pesadas de humilhações e a coordenação bem omissa. Um deles costumava sentar nas primeiras cadeiras durante a aula e o professor pedia para que ele sentasse no fundo porque não queria olhar para a cara dele [...] no retorno se deparou com esse professor, o que o fez solicitar desvínculo.*

Portanto, os assédios sofridos em ambiente institucional tornam-se mais uma fonte de sofrimento e um entrave para a afiliação na instituição de forma adequada, podendo ser gatilhos para questões irreversíveis como a desvinculação do aluno da universidade.

Sejam de caráter moral, como vivenciado na fala acima e no apontado por (E8) *"por questão de achar que tem algum tipo de poder sobre aluno, tratar mal, esculhambar uma turma inteira, chegar dentro de uma sala e dizer: vocês nunca vão ser tal coisa, porque vocês são uns bostas"* ou de ordem sexual, como trazido por (E23) *"aconteceu de professor vir falar comigo de noite, de madrugada, me oferecendo projeto em troca de outras coisas, enfim [...] Isso existe muito"* Os assédios são importantes marcadores de relações

desarranjadas e evidenciadores de como a instituição tem responsabilidade sobre a saúde mental e a continuidade do aluno no meio acadêmico.

E por considerar as posições sociais hierárquicas e atingir quem está em subalternidade, o assédio moral dificilmente é denunciado institucionalmente.[9] Fazendo com que o estudante internalize o dito como verdade por ter sido expresso por alguém que é tido como referência na comunidade acadêmica, o professor.

Da mesma forma ocorre com o assédio sexual, que devido à invisibilização do ocorrido decorrente da cultura de estupro instaurada no Brasil, onde se culpabiliza a vítima de assédio e normaliza-se o comportamento do agressor, fere os direitos humanos e principalmente o direito das mulheres, que são as que mais sofrem com esse tipo de violência.[10]

Ainda acerca dessa temática, a discente (E9) coloca a seguinte situação: *"Eu já ouvi em sala de aula, professor dizendo: 'ah, se você vir de decote eu vou olhar, se você vir de saia curta eu vou olhar pra suas pernas'."* Corroborando com a culpabilização das mulheres frente a uma situação de assédio, visto que o "olhar" do professor se daria devido a vestimenta da aluna. Põe-se mais uma vez em evidência as relações hierárquicas e a não preocupação do servidor público em expressar-se livremente de forma facínora, devido à não responsabilização social e institucional dos seus atos.

Além de ser um crime, uma modalidade de violência e impedir que as vítimas gozem de seus direitos de forma plena, o assédio reverbera na psiquê humana gerando sentimentos de afastamento, culpabilização, isolamento, medo, culpa, vergonha, e queixas físicas somáticas. Essas situações de violência e sofrimento psíquico, poderão gerar os Transtornos Mentais Comuns (TMC), sendo a depressão e a ansiedade, os mais comuns entre os adultos jovens.

A sintomatologia desses transtornos pode ser vista nas falas de (E4) "*Eu não conseguia ir nesse ritmo, cada vez que eu ia fazer as provas, tinha alguma crise de ansiedade, e depois de sair tinha alguma crise de choro."* e (E5) "*Eu tenho crise de ansiedade, passei por algumas grandes crises, geralmente final de período eu passo por crise de ansiedade pela quantidade de provas que você tem que fazer."* A manifestação desses sintomas faz com que o discente se sinta cada vez mais afastado da instituição e, consequentemente, dificulta ainda mais o ofício de ser um estudante no ensino superior, visto que o mesmo passa a associar a universidade à geração de desconfortos.

Portanto a percepção negativa do ambiente e as séries do curso são os aspectos que mais se associam ao sofrimento psíquico entre os universitários, sendo elencados como fatores de risco para o adoecimento. Entretanto, pode-se observar uma menor vivência de sofrimento psíquico em indivíduos com apoio social.[11]

Partindo das constatações acima, a evasão dos cursos do ensino superior pode ser consequência das não condições de apoio e acolhimento institucional para demandas de sofrimento psíquico gerado por situações de assédio e/ou pelo processo de estranhamento e aprendizagem, como visto na fala de (E11) *"Mas tem pessoas que eu conheço que já trancaram o curso por causa da depressão, e até agora não voltaram porque não conseguem lidar com a pressão."* Ainda nesse contexto do sofrimento psíquico, falas como a de (E1) *"Um dia eu vim fazer uma prova, e no caminho (moro próximo à universidade), eu cheguei a desejar ser assaltado para não fazer a prova."* Provocam a reflexão de como o sentimento de não pertencimento à instituição afeta a vida do estudante que por não poder admitir fraquezas devido à alta performance que é cobrada institucionalmente, entra em sofrimento e é assolado pela sensação de vazio existencial, levando-o a recorrer à saídas não saudáveis para a comunicação de sua dor, como o desejo de injúria e/ou a autolesão, que podem expressar a

dor do não poder sentir.[12] Portanto o mal de um assalto é considerado menos sofrível que ir à universidade e se pudesse optar à circunstância mencionada seria seu desejo de expressão.

Incorporando-se a todos os elementos já presentes em meio universitário, a falta de políticas institucionais eficazes de combate ao assédio, como mostrado por (E6) *"Eu fui vendo também pessoas que sofriam algum assédio, alguns professores começaram a perseguir e eles tiveram que sair da universidade porque não tinha mais nenhuma opção."* Consolidam a universidade como um ambiente hostil para a mente humana, sobretudo a feminina.

Sendo assim, é necessário traçar ações para a quebra do ciclo de adoecimento psíquico estudantil, com políticas institucionais voltadas para a melhoria das relações sociais e saúde mental, e acesso a profissionais de saúde capacitados de forma não focal. Entretanto, o que se pode observar através das falas dos alunos é uma rede de apoio com déficit nos recursos humanos, conforme afirma (E12):

> *Quanto ao apoio psicológico, eu tenho amigos que já foram procurar e tinha uma fila de espera, então acho que se a pessoa já vai buscar um apoio à saúde mental, porque ela não está bem, ela não tem como esperar, não tem como esperar uma fila porque inúmeras coisas podem acontecer nesse tempo.*

Além disso, o serviço de acolhimento psicológico deve ser um local de abrigo para as demandas de sofrimento, portanto de fácil acesso e de contato rápido e eficaz, diferentemente do exposto por (E5) "*O setor de psicologia da PRAC, ele é muito difícil de ser contatado, na grande maioria das vezes que eu cheguei lá eles sequer abriram as portas pra mim."* Demonstrando que as fragilidades dos serviços de assistência impactam de forma negativa quanto ao enfrentamento de situações geradoras de sofrimento e que adequações para a realidade são importantes para potencializar a existência desses serviços.

Categoria III: Possíveis caminhos para permanência do estudante na universidade

Como ora exposto, dos jovens universitários espera-se um perfil que facilite a sua inserção e desenvoltura no meio acadêmico. Essas características dizem respeito a habilidades pessoais e práticas do aluno, como o uso de referências, postura, ortografia, capacidade de comunicação, e também relacionam-se com a familiaridade com a estrutura universitária e ao reconhecimento do seu eu naquele espaço.

Para tal, é necessária uma rede institucional e pessoal que facilite a tarefa árdua que é um estudante de ensino médio, não preparado previamente, adaptar-se à independência e autonomia universitária. Sendo assim, espaços de convivência, comunicação institucional eficaz, assistência estudantil e interações horizontalizadas podem favorecer o reconhecimento como parte daquele todo.

Nesse contexto, o (E10) diz que *"precisa se ter um apoio e divulgação maior do que a universidade dispõe para os alunos, porque eu creio que não tem apenas o posto, deve ter algo a mais, porém não é bem divulgado."* Sugerindo que uma maior divulgação do que é disposto no ambiente universitário ajudaria no apoio estudantil, visto que para a afiliação institucional desse aluno, o processo de conhecimento, reconhecimento e utilização dos recursos para seu desenvolvimento intelectual e manutenção do seu bem-estar são peças fundamentais para a absorção desse aluno pelo meio acadêmico, potencializando as contribuições do mesmo para a estrutura universitária e societal.

Ora, se a universidade dispõe de ferramentas, mesmo que em forma limitada, a comunidade acadêmica deve ser instruída pela própria instituição a como recorrer aos seus recursos para a configuração de uma boa gerência e administração do investimento anteriormente depositado para o funcionamento daquele serviço. Além disso, (E30) traz que o apoio das unidades acadêmicas, de forma individualizada, também é importante na construção desse processo: "*ir nas salas, ir na UAL (unidade acadêmica a qual o aluno*

pertence), promover palestras dentro da unidade, para que sejam mostrados os direitos todos que o discente tem a favor dele dentro da universidade."

Nessa perspectiva, o estudante (E26) ainda traz que esses assuntos podem ser abordados inclusive em sala de aula, *"[...] até mesmo abordar essas questões em sala, durante o horário de aula", e*sse tipo de comunicação facilitaria o estabelecimento de relações horizontais entre discentes e docentes, além de instituir um elo de confiança e enfrentamento maior ao assédio, devido à humanização desse vínculo.

Os benefícios de assistência estudantil e de inclusão devem, sobretudo, possibilitar ao estudante o pensar no seu desenvolvimento pessoal e profissional, além do planejamento do futuro, atendendo às suas necessidades e permitindo o estabelecimento de planos na sua vida.[13] Sendo assim, a instituição deve prezar pela definição de protocolos e rotinas para melhor atender as necessidades básicas de um estudante universitário. Além de adequar sua estrutura de suporte à quantidade de usuários da rede e facilitar o acesso e comunicação.

No que concerne ao acompanhamento psicológico para as demandas de sofrimento psíquico, o estudante (E16) diz que: *"eu acho que eles oferecem poucos psicólogos e isso é realmente muito inviável, esse número deveria ser maior pela quantidade de alunos"* e sugere a extensão da rede de apoio para toda a comunidade acadêmica, tendo em vista a importância da harmonia social no ambiente para a afiliação, *"Não só ter o apoio para o aluno, mas também das pessoas que estão em volta dos alunos. A gente passa quase o dia todo com os professores".*

Além disso, o alunado relata que a separação física do curso de psicologia e consequente da clínica escola do resto da universidade, faz com que o acesso também seja dificultado pelo distanciamento: *"Deveria ter uma maior facilidade, porque tem atendimento no CCBS, mas nem todo mundo tem a facilidade de ir ao CCBS." (E19)* Diante da relevância desse serviço para a manutenção do bem-estar da comunidade, a instituição deve traçar

alternativas para acessibilidade física à clínica de psicologia e valorizá-la perante o corpo social.

Dito isto, observa-se a importância de atendimentos psicológicos e de grupos terapêuticos para a manutenção na saúde mental institucional, ajudando na percepção e gerenciamento de questões que possam gerar somatização, adoecimento e afastamento da universidade. O uso desses instrumentos de promoção de saúde mental no âmbito universitário produz uma rede de apoio crucial para a permanência estudantil e faz com que atitudes depreciativas sejam repensadas.

No mais, a visão de que as pessoas que cercam os alunos, e que já passaram pelo ofício de ser estudante, necessitam de apoio institucional para suas demandas psicológicas podem nos trazer panoramas distintos. O primeiro é de que quando aluno, esse professor não conseguiu se afiliar e que reproduz discursos e ações que acha serem comuns do ambiente universitário, podendo-se traçar uma relação com A Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, que traz que assim como o opressor, para oprimir, precisa de uma teoria da ação opressora, os oprimidos, para libertar-se igualmente necessitam de uma teoria de sua ação, entretanto quando oprimido o indivíduo não pode construir a teoria de sua ação libertadora sozinho, necessitando-se de uma ação coletiva para essa libertação, sendo a pedagogia do oprimido antidialógica [14] e que quando não libertado o oprimido dá continuidade ao ciclo tóxico do adoecimento e opressão; o segundo está ligado às atribuições dadas aos servidores, correlacionadas a uma carga de trabalho intensa, podendo gerar exaustão e sensação de esgotamento.

Quando ainda assim, as relações se estabelecerem de forma hierárquica e desrespeitosa, (E14) sugere a ação enfática da ouvidoria da instituição "*A ouvidoria deveria ser mais incisiva na apuração das denúncias e punição dos professores quando essas queixas são procedentes"* Já que a mesma atua como um instrumento de comunicação formal no

meio institucional, fazendo o papel de interlocução entre as partes divergentes, e apaziguando entraves ora travados de forma sistemática e impessoal.

Entretanto, a ouvidoria só desempenhará o seu papel democratizador onde há uma forte presença do movimento estudantil, que tem o papel de fortalecimento, de articulação e cobrança dos direitos pertencentes aos estudantes. (E2) enfatiza a importância do centro acadêmico para o curso: *"o que a gente tem mais feito é tentar se ouvir, o nosso centro acadêmico se integra muito com os estudantes do curso."* Leva-se a entender que se dada de uma forma mais ampla, com ações de articulação estudantil promovidas pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), as queixas e soluções para as demandas seriam traçadas em esfera macro, e não pontualmente em um curso.

Para mais, os Centros Acadêmicos e o DCE configuram-se como espaços organizados e direcionados para escuta e acolhimento de demandas estudantis, atuando de forma deliberativa na instituição como a representação máxima do alunado e de forma política e social. Visto que o diretório está intimamente ligado à UNE, responsável pelo pressionamento político para políticas estudantis a nível nacional, e promove ações de permanência estudantil em articulação com o MST, como a distribuição de cestas básicas para alunos de baixa renda cadastrados no banco de dados do DCE.

Dito isto, observa-se que a instituição provém de formas que auxiliam o processo de afiliação e minimizam o sofrimento psíquico, mesmo que de forma ínfima. Contudo, quando os recursos são mal geridos, não reconhecidos e não valorizados pela universidade, não cumprem o seu papel de fortalecimento de elos, democratização, e acolhimento das demandas diversas do fazer e existir no âmbito universitário..

CONCLUSÃO

Pode-se avaliar, a partir dos diálogos estabelecidos, a importância de um processo de afiliação estudantil eficaz na vida do jovem universitário. Visto que, quando não instaurado, o mesmo é gerador de sofrimento psíquico e desestrutura toda a dinâmica institucional.

A problemática do ensino superior deixou de ser a entrada e passou a ser a permanência. O Estado promoveu condições para uma heterogeneidade do alunado; entretanto, não ofertou condições para o resistir no ambiente universitário através da assistência estudantil, provocando o pensamento do que seria realmente a democratização do ensino.

O distanciamento e o desconhecimento causado por uma comunicação institucional ineficaz, assédios, relações verticalizadas e burocratização de políticas de permanência fazem com que o aluno não consiga sair das etapas iniciais do processo de afiliação e reverbera de forma permanente na vida do discente, podendo gerar o desvínculo e o aumento da taxa de evasão escolar.

Entretanto, políticas institucionais sérias, compromissadas com a saúde e o bem estar dos estudantes, com as falhas identificadas e sanadas junto à toda a comunidade acadêmica fazem com que o árduo processo de afiliação torne-se mais fácil. Visto que se sentir pertencente e realizar suas ações sem estranhamento são características fundamentais para a manutenção da estrutura social universitária e de uma boa saúde mental, diminuindo as sintomatologias de TMC e, consequentemente, desafogando o serviço de apoio psicológico.

Sendo assim, a instituição deve adotar políticas enfáticas e rigorosas contra o assédio e promover canais de denúncia realmente resolutivos para as queixas estudantis, além de viabilizar o acesso à assistência estudantil de forma menos burocrática e de maior acessibilidade a todos, simplificando seus editais sem perder as características do que é necessário para se obter auxílio.

Desmercantilizar o aluno e tratá-lo de forma humana, com a análise de situações específicas para a manutenção ou não da assistência em casos que o aluno não corresponde de maneira esperada academicamente, e promover estruturas permanentes, como espaços de convivência e lazer dentro da instituição, visando a criação de elos e sentimentos de empatia e respeito entre os pares.

Aos discentes, cabe fortalecer o movimento estudantil e fazer com que as demandas geradoras de sofrimento sejam postas pelo alunado para a gestão da universidade, além de promover espaços de acolhimento, escuta e confraternidade entre seus pares dentro do próprio curso, promovendo relações amigáveis e de auxílio mútuo.

Ademais, faz-se necessária uma reflexão a respeito do caráter produtivista universitário e de até onde a descaracterização do eu em detrimento do rendimento escolar, sem recursos adequados para uma transformação de paradigma, é capaz de transfigurar o indivíduo e a sociedade em um modelo ideal.

Sendo assim, a pesquisa contribuiu de forma significativa na minha formação. Visto que a presença de demandas de sofrimento e dificuldade no processo de afiliação percebida em meu eu, também pôde ser enxergada no outro, acarretando em uma rede de apoio e no entendimento de que é um problema estrutural e não unicamente pessoal, promovendo o meu permanecer na instituição.

Além disso, o sentimento de revolta perante as situações expostas nesse trabalho fez aflorar a necessidade de participar da construção de uma mudança de arquétipos institucionais através do movimento estudantil, me fazendo compreender dinâmicas antes não compreendidas e possibilitando a implicação no processo que ora me adoecia. Portanto, pesquisas sobre sofrimento psíquico estudantil corroboram para a permanência e para a melhoria das práticas de assistência estudantil, sendo de extrema importância para a formação acadêmica e para a popularização, de fato, do ensino superior.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira AJB de, Cranchi DC. O papel da Biblioteca Universitária como espaço de afiliação estudantil e o Bibliotecário como Educador e Agente Inclusivo. Inf. & Soc [Internet]. 25 Ago 2017 [citado 14 Out 2021]; 27(2). Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/32654

2. Coulon A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. Educ. Pesqui. [Internet]. Out/Dez 2017 [citado 14 Out 2021]; 43(4):1239-1250. DOI: 10.1590/S1517-9702201710167954

3. Koizumi MS. Fundamentos Metodológicos da Pesquisa em Enfermagem. Rev. Esc. Enferm. USP [Internet]. 1 Out 1992 [citado 14 Out 2021];26(SPE):33-47. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/136541

4. Koller SH, de Paula Couto MCP, Von Hohendorff J. Manual de produção científica. [Internet]. Porto Alegre: Penso; 2014 [citado 14 Out 2021]. Disponível em: https://www.biosanas.com.br/uploads/outros/artigos_cientificos/18/6505082c2a7c23986651c7b1f7a4a92e.pdf

5. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011 [citado 14 Out 2021].

6. Dellors J. Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. [Internet]. UNESCO no Brasil: Cortez, 1999 [citado 14 Out 2021]. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf

7. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. [Internet] Brasília: FONAPRACE; 2019 [citado 14 Out 2021]. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf

8. Nascimento CM do. A Terceira Fase da Assistência Estudantil: Novas Tendências Operando? Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social [Internet]. 2018 [citado 14 Out 2021]; 16(1). Disponível em: https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22224

9. Di Menezes NRC, Palla ACF, Hur DU. Assédio Moral na Universidade. PP [Internet]. 2020 [citado 14 Out 2021]; 24(2):211-230. DOI: 10.14393/PPv24n2a2020-50579

10. Silva L da, Silva FF da. Chega de Assédio: Visibilizando o Assédio Sexual no Contexto Universitário. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão [Internet]. 2018 [citado 14 Out 2021]; 10(1). Disponível em: https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/86762

11. Graner KM, Cerqueira ATAR. Revisão Integrativa: Sofrimento Psíquico em Estudantes Universitários e fatores associados. Ciênc. Saúde Colet. [Internet]. 2019. [Citado em 14 Out 2021]; 24(4) DOI: 10.1590/1413-81232018244.09692017

12. Macêdo S. Cuidado Com Universitários: Reflexões e Intervenções Fenomenológicas. Ecos. [Internet]. 2018. [Citado em 14 Out 2021]. 8(2). Disponível em: http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844/1566

13. Andrade AMJ de, Teixeira MAP. Áreas da política de assistência estudantil: relação com desempenho acadêmico, permanência e desenvolvimento psicossocial de universitários. Avaliação (Campinas) [Internet]. Jul-Nov 2017 [citado 14 Out 2021]; 22(2):512-528. DOI: 10.1590/S1414-40772017000200014

14. Freire P. Pedagogia do Oprimido: (O manuscrito). [Internet] 1921-1997. [citado 14 Out 2021]; Disponnível em: https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pedagogia-do-Oprimido-Manuscrito.pdf